

Brasília: O que fazer?

Minha visita a Brasília terminou. E foi, pacientemente, que a percorri, desejado de conhecê-la melhor. Não vou dizer que ela me surpreendeu. Sei como esta cidade foi muitas vezes esquecida, os períodos de desatenção que viveu, e como a desinformação e o mau gosto sempre a envolveram.

É claro que muitas coisas me perturbaram. Coisas que nunca pensei poderiam ocorrer na capital do meu país. Lembro-me, com tristeza, da minha passagem pela W3. Um amontoado de prédios pessimamente construídos, uns contra os outros, num desacerto inqualificável. Não compreendo como aqueles projetos foram aceitos, nem como a construção foi permitida. São seis quilômetros. Uma favela inconcebível.

Com o mesmo espanto andei pelas ruas transversais ao Eixo Rodoviário, estupefato diante do que presenciei. Jamais tinha visto tanto anúncio, cobrindo as fachadas, uns sobre os outros. Até nas pontas das marquises os penduraram, sem indagarem se para isso elas foram calculadas.

O passeio continuou. Desci o Eixo Monumental. Vazio, como se construí-lo não fosse urgente.

Todos sabem que ele precisa ser terminado. O problema da unidade arquitetural está mais que conhecido, e retardar a sua construção indica que, infelizmente, pouca importância lhe dão.

E lá estava o Eixo Monumental diante de mim, vazio, abandonado, e eu, no meu desencanto, a imaginar como seria bom para o nosso país poder exibi-lo, pronto, importante e monumental. A Praça dos Três Poderes com seus palácios a criarem surpresa, leves, mal tocando o chão, o Itamarati, o Ministério da Justiça, os dez ministérios enfileirados e, no setor cultural, o Museu, a Biblioteca e, do outro lado, o espaço reservado aos grandes eventos musicais a completarem o conjunto e Brasília se impondo não como uma simples cidade administrativa, mas como um grande centro cultural e artístico do nosso país.

SETOR CULTURAL

Não sei se deveria comentar o último projeto que elaborei como complemento do Setor Cultural. O importante agora é terminá-lo, construindo o Museu, a Biblioteca e o setor musical.

Mas como obra futura sinto que esse estudo deveria ser guardado. Uma idéia que, acredito, um dia será recuperada. Trata-se de uma rua ligando aqueles dois espaços do Setor Cultural. Uma rua estreita, subterrânea, com uma faixa de iluminação natural seguindo seu trajeto, cercada de lojas, pequenas praças, locais de encontro e lazer. Para os que freqüentassem aquela área ela constituiria um complemento importante, com seus restaurantes, livrarias, lojas de música, enfim, um comércio destinado aos que se interessam pela cultura, pelas artes, pela música, que correspondem aos objetivos do Setor Cultural.

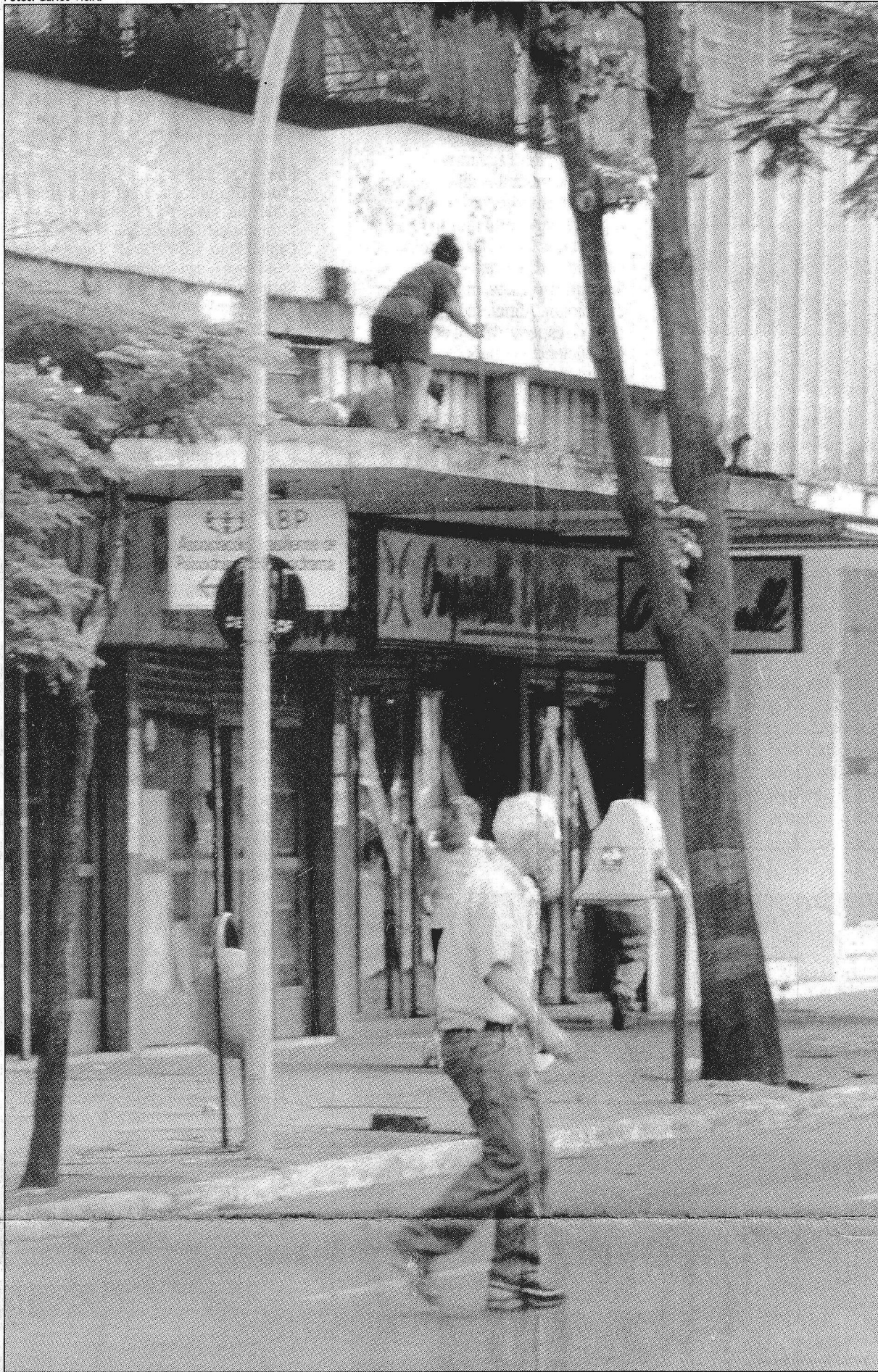
Para respeitar o Plano Piloto, o rasgo de iluminação previsto serpentearia pelo terreno, variando com a largura máxima de cinco metros.

MUITAS OFENSAS

Devagar passei a percorrer aquela cidade que tantas alegrias e preocupações nos proporcionou, interessado nos prédios novos que nela vão surgindo. Uns bons, outros não, como é inevitável. Não vou criticá-los. Sempre digo que cada arquiteto deve ter a sua arquitetura. Eu tenho a minha, é muito pessoal, e a defendo e a elaborado com o maior entusiasmo.

É claro que, às vezes, em qualquer lugar, certos edifícios são ruins, ruins demais. Mas com que cuidado os arquitetos os elaboraram! Com que esperança desejavam vê-los realizados! O que exige

Fotos: Carlos Vieira



Para Niemeyer, o amontoado de prédios disformes na W3 lembra uma favela: árvores para acobertar o que é feio

de todos nós um pouco de respeito e sensibilidade. E, se em Brasília isso acontece com mais freqüência, temos que considerar como razão o nível cultural ainda deficiente entre nós. Os exemplos são muitos. Até em pequenos detalhes os encontramos. Um deles é a grade que colocaram na Praça dos Três Poderes, próxima ao Palácio do Planalto. Isso nunca ocorreria na Europa. Imaginemos o que aconteceria se em uma das praças de Paris tal coisa fosse feita.

Mas na nova capital não foi apenas a arquitetura que foi ofendida pelos equívocos por mim constatados. O próprio urbanismo foi igualmente sacrificado. As escolas e os mercados previstos nos setores habitacionais não foram, em grande parte, realizados e a ligação natural com as residências que o Lucio tão bem soube criar foi prejudicada, influenciando

com os vaivéns para as escolas no bom funcionamento do tráfego local. Algumas áreas foram invadidas, afetando até mesmo a intimidade do Palácio da Alvorada. E as construções que acompanham o Eixo Monumental — como as que se situam atrás da Catedral — começam a revelar um gabarito excessivo, capaz de desmerecê-lo. São assuntos que fogem às minhas tarefas de arquiteto, e que aos responsáveis pelo urbanismo caberia resolver.

No entanto, posso e devo levantar a questão da densidade demográfica que já se faz presente nesta cidade com os problemas de tráfego que começam a surgir. Impedir que aconteça em Brasília o que ocorre no Rio e em São Paulo tem de ser uma preocupação permanente dos que por ela são responsáveis, recusando construções residenciais em áreas non aedificandis

e, principalmente, o aumento de gabaritos que o lucro imobiliário insiste em estabelecer.

Tudo isso se relaciona com o problema da falta de estacionamentos, que tanto perturba e degrada esta cidade, com as filas intermináveis de carros estacionados por toda a parte, sobretudo à volta do Congresso e da Praça dos Três Poderes.

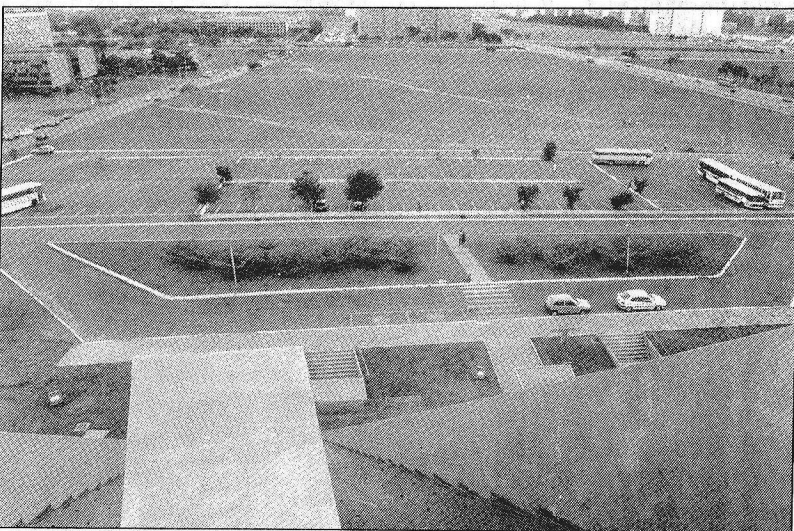
PROBLEMAS DE BASE

Procuro relembrar o que vi, consciente de que só em alguns casos será possível influir. Os aspectos urbanos, a própria arquitetura expressam, no contexto geral, conforme afirmei, as deficiências culturais que ainda existem entre nós. Na verdade, só o Eixo Monumental e o aspecto civilizado do Eixo Rodoviário poderão garantir para Brasília a grandeza de uma capital.

Não estive nas suas áreas mais pobres, mas conheço bem seus apelos e esperanças, e com eles sempre me solidarizei. Infelizmente são problemas de base, fundamentais, que as medidas possíveis não resolvem, apesar do sentido generoso que muitas vezes apresentam.

Eis, prezado Joaquim Roriz, o que devia lhe dizer depois dessa longa visita pela cidade, otimista, ao lembrar nosso encontro e a maneira humana e dinâmica com que se propõe e governa-la.

Em texto anexo apresento as minhas sugestões. Obrigado.



O vazio do Eixo Monumental será preenchido com o setor cultural norte

Oscar Niemeyer